



Assine 0800 703 3000 SAC

Bate-papo

E-mail

Notícias

Esporte

Entretenimento

Mulher

Shopping



BUSCAR

CULT

Google™ Pesquisa Personalizada

 na Cult na Web

TWITTER



FACEBOOK

CONECTE-SE [Esqueci minha senha](#)

LOGIN

SENHA

ENTRAR

MATÉRIAS

EDIÇÕES

COLUNAS

OFICINA LITERÁRIA

CONGRESSO CULT

ESPAÇO CULT

LOJA CULT

Home > Exclusivo do Site > Meio existencialista, meio "loser"



Compartilhar

130 pessoas curtiram isso. Cadastre-se para ver do que seus amigos gostam.

Meio existencialista, meio "loser"

Em seu novo filme, "Frances Ha", Noah Baumbach presta homenagem ao cinema francês

TAGS: cinema, Entrevista, filme, Noah Baumbach, Nouvelle Vague



A atriz norte-americana Greta Gerwig

Helder Ferreira

As luzes do cinema se apagam e o filme começa. Tem início uma sequência de cenas em que duas mulheres, loira e morena, divertem-se pela cidade – em uma delas, a loira dança no parque ao lado de um chapéu que recebe os trocados de alguns transeuntes; em outra, correm com o chapéu, cheio de dinheiro, em mãos. Tudo em preto em branco e ao som Georges Delerue. É de se esperar que apareça na tela o nome de Godard, Truffaut ou qualquer outro cineasta da Nouvelle Vague depois disto, mas o que se lê é o nome do cineasta norte-americano Noah Baumbach, autor do aclamado longa *A lula e a baleia* (2005). O filme: *Frances Ha*, que entrou em cartaz nos cinemas brasileiros em 23 de agosto.

Frances (Greta Gerwig), a protagonista que empresta nome ao longa, é uma mistura do existencialismo dos personagens do movimento cinematográfico francês com o arquétipo *loser* do cinema independente norte-americano: beirando os 30 anos, ela é (ainda) uma aprendiz de bailarina e parece ser a única entre seus amigos a não ser bem-sucedida pessoal e profissionalmente. Depois de terminar com o namorado e ser "abandonada" pela melhor amiga Sophie – uma estrela em ascensão do mercado editorial prestes a casar-se com um agente financeiro de *Wall Street* –, que se muda para um apartamento que ela não pode bancar, ela começa sua jornada por uma sucessão de "lares" e diferentes pessoas com quem os divide.

CULT
ADQUIRA
A COLEÇÃO
COMPLETA DA
REVISTA CULT
DE 2011 E 2012



EDIÇÃO 185



ASSINE OU COMPRE



ANUNCIE



NEWSLETTER

> EDIÇÕES ANTERIORES



Assine a
CULT

Assine a CULT por um ano e ganhe 3 meses a mais! Receba 15 edições em casa pelo preço de 12!



> AS 5

Anunciado no Facebook, tênis da Adidas é considerado "racista": Com correntes de borracha, calçado teve a venda suspensa...
93 comentário(s) | 75533 visualizações

O crime de Lady Gaga: Marcia Tiburi analisa o pós-feminismo pop de Lady Gaga...
183 comentário(s) | 74829 visualizações

Uma introdução a Pierre Bourdieu: Pela discussão do gosto, Bourdieu denunciou as distorções...
8 comentário(s) | 74242 visualizações

Bourdieu e a educação: Pelo sistema de ensino, as diferenças iniciais de classes...
2 comentário(s) | 62680 visualizações

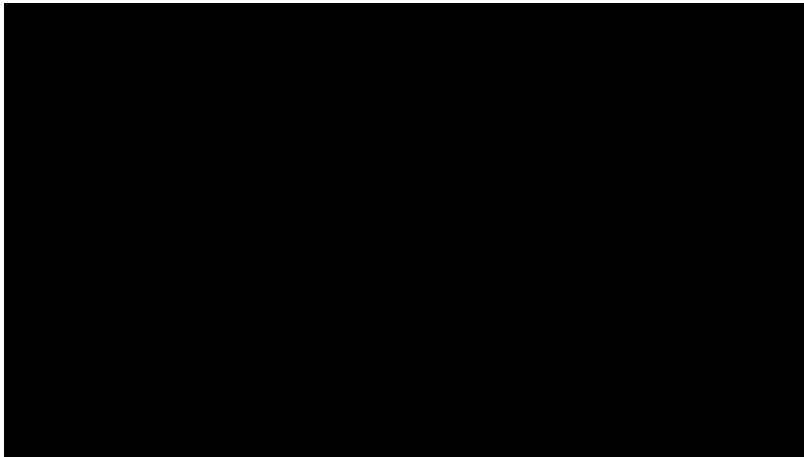
Livro erótico lidera venda de e-books nos EUA: Trilogia, que vendeu mais de 250 mil exemplares digitais...



Utilizando o já muito revisitado enredo do “jovem tentando se descobrir e conquistar a Big Apple”, Baumbach amplia a discussão para uma questão de classes, mostrando o desajuste de Frances diante da demanda dos colegas de apartamento que pensam em contratar uma empregada, quando ela mal tem dinheiro para pagar o aluguel, ou durante uma conversa com conhecidos que acabaram de voltar de Paris, onde mantém seu próprio *pied-à-terre*. O que ele faz é traçar um retrato de uma geração de jovens que nem sempre consegue sobreviver com suas escolhas de carreira. “As únicas pessoas que podem viver de arte em Nova York são ricas”, sentencia Sophie em certo momento do filme. Frances, no entanto, após algumas decisões precipitadas – como viajar para Paris com o cartão de crédito, “porque às vezes você precisa fazer o que precisa fazer” –, acaba encontrando outras maneiras de sobreviver com a dança.

Com enredo mais leve e cenas de humor gráfico – como a de um tombo em que a protagonista leva correndo à procura de uma caixa eletrônico – o filme, escrito em parceria com a atriz Greta Gerwig, é um marco transitório na carreira do cineasta, acostumado a filmes mais densos, com uma veia cômica mais voltada ao humor negro. Todavia, se não pode ser considerado sua obra-prima, também não o desqualifica, demonstrando o perfeito alinhamento de seu talento em filmar cenas constrangedoras e da experiência de Gerwig com os diálogos naturalistas e improvisações típicas do *mumblecore* – movimento cinematográfico norte-americano cujos filmes ela estrelou –, que fazem o espectador sentir-se em frente a um retrato bem próximo da vida real. É, também, um deleite para cinéfilos, com suas diversas referências e homenagens ao cinema francês: a principal delas é a releitura de uma cena de *Sangue ruim* (1986), de Leos Carax, na qual Frances sai correndo e dando piruetas pelas ruas de Nova York ao som de *Modern Love*, de David Bowie. É para sair do cinema sorrindo.

Abaixo, você confere o trailer do filme e uma breve entrevista concedida por Baumbach ao site da Revista CULT.



Revista CULT – Por que você decidiu filmar em preto e branco? A princípio, isso não te causou problemas de financiamento ou distribuição?

Noah Baumbach – Foi uma escolha intuitiva, a princípio. E porque eu sabia que isso, inicialmente, limitaria o apelo comercial do filme. Fui muito exigente sobre com quem eu discutiria o projeto. A RT Features entendeu imediatamente e foi uma grande parceria.

Há claras referências ao cinema francês – especialmente aos filmes do movimento da *Nouvelle Vague* e de alguns de seus sucessores, como Leos Carax. Por que você decidiu colocar todas essas referências em Frances Ha?

Eu tinha a *Nouvelle Vague* em mente, claro. E eu quis fazer um retrato da juventude, assim como muitos filmes que eu amo de Rohmer, Truffaut e Godard. Além disso, eu não estava fazendo referência a nenhum desses filmes, especificamente. Eu fiquei perplexo pelo quão franceses as personagens parecem, uma vez que você os fotografa em preto e branco, mas isso diz mais sobre a cultura atual do que sobre qualquer intenção do filme.

Os personagens em seus filmes sempre estão envolvidos com arte. Por que este é um tema recorrente?

4 comentário(s) | 49776 visualizações

O crime de Lady Gaga - 183 comentário(s)

“Não serei simonalizado” - 128 comentário(s)

Anunciado no Facebook, tênis da Adidas é considerado “racista” - 93 comentário(s)

A nova moral do funk - 86 comentário(s)

Ainda é preciso ler Freud? - 62 comentário(s)

Herói devolvido, Marcelo Mirisola Tolstói aqui e agora

Leia o novo texto de Marcelo Mirisola para a coluna "Herói devolvido"

Exclusivo do Site

Morro, mas meu desenho fica

Relançamento das revistas Fradim, publicadas entre 1971 e 1980, reafirma a...

Oficina literária

Lágrimas

Gotas de não se sabe o quê. De fome, de dor, de sede? Do que o outro...

Cinema, Exclusivo do Site

“Azul é a cor mais quente”

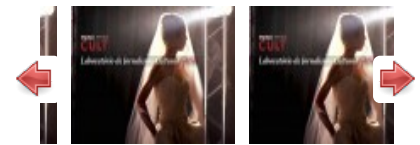
Confira as ilustrações da HQ que inspirou o longa vencedor da Palma de Ouro...

185. Entrevista

A filósofa que rejeita classificações

Confira trecho da entrevista exclusiva de Judith Butler, publicada na CULT 185

> ESPAÇO CULT



Espaço CULT

Espaço CULT

> CULT SOCIAL

TWITTER

ORKUT

YOUTUBE

FACEBOOK

> TAGS

índice arte artes plásticas Artigo

ciências humanas **cinema** crítica cultura

dossiê Ensaio **Entrevista** Espaço

Cult Espaço Revista Cult **exposição** festival

filme filmes **filosofia** fotografia França

história hq II Congresso de Jornalismo

Cultural jornalismo lançamento

Literatura livro **Livros**

música Marcia Tiburi **mostra**

Oficina literária **Pintura** poema **Poesia**

política psicanálise **quadrinhos**

Reportagem **resenha** Rio de Janeiro São Paulo

Sesc **Teatro** Vladimir Safatle

Não é algo de que estou ciente. Tenho muita simpatia por alguém que tenta desenvolver algo criativo enquanto se descobre, mas as situações e as personagens nesses filmes são muito diferentes.

Apesar de haver esse tema recorrente, Frances Ha é bem diferente dos seus filmes anteriores. Notei que enquanto temos esse tipo de humor triste nos três últimos, há outro tipo de humor em Frances Ha, às vezes sarcástico, às vezes pautado no constrangedor. Você relaciona essa transição do humor à Greta?

Esse filme é bastante Greta e eu.

Já que estamos falando de Greta, você poderia falar sobre a contribuição dela para o filme e como vocês acabaram escrevendo o roteiro juntos?

Depois que fizemos *O Solteirão*, eu quis fazer algo com ela novamente e algo onde ela pudesse ser o centro. Ela é tão engraçada e eu quis que o filme representasse isso. Começamos a enviar nossas ideias por email e, eventualmente, chegamos a um roteiro.

Você é conhecido por ser perfeccionista quando se trata de filmar (eu li que você fez 40 tomadas da cena em que Greta e Lola olham para o armário). Então, como você sabe que uma cena está pronta?

Para ser claro: aquela cena em que elas olham dentro do armário tinha 4 páginas de diálogo! Eu sei que uma cena está pronta quando ela parece certa. Mas, para isto, é preciso lapidá-la, dar aos atores tempo para encontrar coisas, ter certeza de que a câmera está no lugar certo. Às vezes, isso leva tempo.



Comente



Compartilhar



Imprimir



Curtir

Compartilhar

130 pessoas curtiram isso. [Cadastre-se](#) para ver do que seus amigos gostam.

> ARTIGOS RELACIONADOS

28/10 - Quem ri por último...

24/09 - Bishop Apaixonada

23/09 - No escuro e com medo

23/09 - O pensar musicado de Criolo

Editora Bregantini | Assine ou compre a Cult | Anuncie | Equipe |

**Editora
Bregantini**

Pç. Santo Agostinho, 70 | 10º andar | Paraíso | São Paulo, SP | CEP 01533-070 | Tel.: (11) 3385-3385 - Fax.: (11) 3385-3386

Copyright © 2013 Editora Bregantini. Todos os direitos reservados.